

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

A recepção transatlântica do conto de Hoffmann em Machado de Assis

Marcos Túlio Fernandes¹

Titel: Die transatlantische Rezeption von Hoffmann's Erzählungen im Werk von Machado de Assis

Title: The transatlantic reception of the Hoffmann's tales in the works of Machado de Assis

Palavras-chave: Conto fantástico – Transferências culturais – E. T. A. Hoffmann – Machado de Assis

Schlüsselwörter: phantastische Erzählungen – kultureller Transfer – E. T. A. Hoffmann – Machado de Assis

Key-words: Fantastic Tale – Cultural Transfer – E. T. A. Hoffmann – Machado de Assis

1º Capítulo

Conhecido em seu país como *Gespenster-Hoffmann*² pelo sucesso de suas histórias de pavor na imprensa germânica, após sua morte em 1822, o autor romântico alemão desembarcou na França já com o prestígio de escritor de contos fantásticos e a tradução *Contes fantastiques de E. T. A Hoffmann* (1829-1830), feita por Loève-Veimars, em 12 volumes, para o editor Eugène Renduel, contribuiu significativamente para o êxito da literatura hoffmanniana entre leitores e críticos franceses. Apesar das traduções de Veimars apresentarem erros linguísticos que alteraram o sentido de conto fantástico alemão, o objetivo do tradutor era o de harmonizar as narrativas ao gosto francês. O trabalho pioneiro de Veimars motivou o surgimento de novas traduções, a exemplo da do jornalista Henry Egmont, publicada pela Camuzeaux e Bétume & Plon, sob o título de *Oeuvres Complètes. Contes Fantastiques* (1836), que se afastando da tradição *belles-*

¹ Professor de Língua e Literatura da Prefeitura de Cabedelo (PB) / Doutorando na Universidade Federal da Paraíba; Email: literatulio@yahoo.com.br.

² A alcunha de “fantasma” de Hoffmann nasceu da assiduidade ao obscuro ambiente da taverna *Lutter & Wegner* em Berlim que ficava no térreo do prédio que o escritor residia e onde atravessava as madrugadas, regadas a vinho, em companhia de boêmios e artistas (Mazzari 2010: 65).

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

infidèles, buscou se apropriar do sentido de conto fantástico alemão (Fernandes & Xavier 2012: 37).

Embora a efervescência em torno de Hoffmann tenha se deflagrado a partir de 1829, com a presença de excertos de seus contos em vários periódicos³; desde 1827 a imprensa francesa já o destacava entre os grandes escritores alemães pelas narrativas de *Le chat Murr*, *La Princesse Brambilla* e *Maître Puce*⁴. Em agosto de 1828, *Le Globe*, um dos mais prestigiados veículos intelectuais da época, que contava com a colaboração de nomes importantes como o de Sainte-Beuve, publicou o artigo “*Werner. De sa vie et de ses écrits*”, no qual Jean-Jacques Ampère apresentava Hoffmann como um dos autores alemães mais extraordinários:

Ses nouvelles ne ressemblent à rien. Je ne connais aucun ouvrage où le bizarre et le vrai, le touchant et l’effroyable, le monstrueux et le burlesque, se heurtent d’une manière plus forte, plus vive, plus inattendue; aucun ouvrage qui, à la première lecture, saisisse et trouble davantage. Concevez une imagination vigoureuse et un esprit parfaitement clair, une amère mélancolie et une verve intarrissable de bouffonnerie et d’extravagance; supposez un homme qui dessine d’une main les figures les plus fantastique, qui rende presents, par la netteté du récit et la vérité des détails, les scènes les plus étranges, qui fasse à la fois frissonner, rêve et rire, enfin qui compose comme Callot, invente comme les *Mille et une nuits*, raconte comme Walter Scott, et vous aurez une idée d’Hoffmann. (TEICHMANN 1961: 20).

Mas, entre todos os periódicos franceses, foram as *Revue de Paris* e *Revue des Deux Mondes* as principais responsáveis pela divulgação dos contos de Hoffmann a partir das traduções de Loève-Weimars, já que o tradutor colaborou ativamente como jornalista nos anos de 1829 e 1830 com a *Revue de Paris* e a partir de 1832 com a *Revue des Deux Mondes*.

A presença de Hoffmann na imprensa francesa é um acontecimento que movimentou o interesse de editores, tradutores, críticos e escritores, devido à popularidade do escritor. Favorecidos pelas mudanças no modo de produção com a utilização da prensa a vapor e do barateamento do papel, pela especialização da mão-de-

³ *Le Figaro* (3 de dezembro), *Quotidienne* (4 de dezembro), *Follet* (6 de dezembro), *Constitutionnel* (7 de dezembro) *Mercure de France au XIX siècle* (19 de dezembro), *Corsaire* (20 de dezembro), *Journal de Paris* (21 de dezembro); além de discussões críticas em torno das traduções que apareceram no ano seguinte (1830) na *Revue française*, *Journal des Débats* e *Gazette littéraire* (Teichmann 1961: 22-53).

⁴ As três narrativas de Hoffmann aparecem mencionadas em *Das vergangene Jahrzehnt der deutschen Literatur, eine Betrachtung von W. F. Masmann*. München: Lentner: 1827.

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

obra do mercado livreiro e, sobretudo, pelo aperfeiçoamento do sistema de transporte ferroviário e marítimo, os impressos franceses popularizaram o conto de Hoffmann, tornando-o sinônimo de fantástico.

Sem telefone ou internet, a primeira metade do século XIX assistiu, em menor escala, à globalização dos contos do escritor alemão através da tradução deles nos periódicos parisienses, que conectavam o mundo pela circulação transatlântica dos impressos, alcançando um número cada vez maior de “novos leitores, interessados, sobretudo, em obras de devoção, livros práticos e de entretenimento” (Abreu 2011: 116). Além disso, as traduções francesas no século XIX tiveram papel determinante na divulgação das obras dos escritores europeus no Brasil, tornando os jornais e as revistas os principais veículos das transferências culturais que contribuíram para recepção transatlântica de diferentes gêneros literários nos autores nacionais, sendo determinante na consolidação de nossa identidade.

A partir de 1836, quando nasce o folhetim na França, os periódicos ampliam cada vez mais o espaço destinado aos textos literários, contribuindo para a popularidade de autores e obras (MEYER 1996). Tais periódicos desembarcaram as primeiras traduções de Hoffmann entre nós por volta dos anos de 1830, já que era grande a presença de publicações em francês, sobretudo, no Rio de Janeiro (FERNANDES & XAVIER 2012: 38). Apesar de a Alemanha fazer parte de uma espécie de triângulo da produção e difusão dos impressos europeus no século XIX ao lado de França e Inglaterra, é difícil imaginar o desembarque de Hoffmann através de publicações alemãs no Brasil:

Embora seja o lugar onde se observa a maior produção de livro no globo, a Alemanha custou a difundir seus livros em escala mundial, escoando sua produção sobretudo em direção à Europa eslava, à Romênia e à Escandinávia. [...] a rede de distribuição de livros alemães era altamente fragmentada, concentrando-se em países de imigração alemã [...]. Além dos negócios com os Estados Unidos, havia apenas três cidades para as quais havia envio regular de livros no século XIX – Porto Alegre (Brasil), Valparaíso (Chile) e Adelaide (Austrália). (ABREU 2011: 117).

Diferente da Alemanha que só expandiria o mercado editorial em língua alemã no final do século XIX, “a França teve uma centralidade cultural impar, expresso tanto pela francofonia, quanto pelo prestígio da literatura francesa em escala mundial” (ABREU

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

2011: 118), beneficiando os impressos franceses que, à medida do aumento de suas publicações e diminuição de seus preços, alcançava um maior volume em toneladas no mercado exterior, chegando a comercialização de 4 mil toneladas no último quartel do século XIX. Os impressos “não continham somente obras escritas por autores franceses, mas também traduções para o francês de textos produzidos em diversas línguas – sobretudo inglês e alemão – [...] lidas tanto na forma de livros, quanto nos tão apreciados folhetins publicados nos rodapés dos jornais” (*Ibid.* 2011: 118). Além dos impressos, a França também exportava editores e livreiros, como Plancher, Villeneuve, Laforge, Bossange, Aillaud e Mongie, os irmãos Firman Didot, e os irmãos Garnier, que encontraram perspectivas especialmente vantajosas no Brasil, o que contribuiu sobremaneira para proliferação de livrarias e tipografias francesas no Rio de Janeiro (HALLEWELL 2005: 198).

Assim, devemos considerar o papel da capital francesa no desenvolvimento do mercado editorial brasileiro, por ser Paris uma cidade poliglota, onde se encontrava a infraestrutura de editoras para produção em todos os idiomas, inclusive uma grande quantidade em língua portuguesa (Cooper-Richet 2012: 41) e também porque a Cidade-luz era vista como forma superior de civilização, justificando sua participação na cultural brasileira, mesmo diante da Inglaterra, economicamente mais desenvolvida e com a qual nosso país matinha maior atividade comercial (Camargo 2010: 26). Uma prova de que a Cidade-luz era a capital editorial do mundo lusófono foi o desenvolvimento de nosso modelo editorial a partir do formato francês⁵, adotado pelo *Jornal das Famílias* (1863-1878), antes *Revista Popular* (1859-1862), que passou a ser publicado por Garnier em Paris, mudando-lhe o foco: “de um periódico eclético, destinado a todos, o editor passou a investir em um jornal com seções de conto, poesia, culinária, higiene e moda, visando o público feminino” (Miranda & Azevedo 2010: 160). Percebe-se com isso que nossos periódicos são representativos de um momento histórico no qual as artes, especialmente a literatura, superaram o interesse da sociedade pela política, a partir da inclusão do público leitor feminino.

Nessa perspectiva de transferências culturais França-Brasil, os impressos franceses foram os grandes responsáveis pela divulgação do fantástico de Hoffmann no

⁵ “Tal formato, em síntese, consistia em fatores como a colaboração de escritores renomados, a apresentação de ilustrações e a preocupação em oferecer conteúdos voltados ao público feminino” (Miranda & Azevedo 2010: 157).

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

Brasil, entre outros fatores porque “os mercados portugueses ainda estavam longe de cobrir suas necessidades de impressos” (COOPER-RICHET 2009: 541), o que proporcionava uma efervescência cultural em torno dos periódicos parisienses, consumidos por nossa elite desejosa de leitura e ávida por “todos os adornos da cultura francesa”, (HALLEWELL 2005: 198).

A importância deles para o mercado editorial brasileiro e para nossa cultura se deve ao fato de que eles fixaram uma comunicação permanente entre Brasil e França. A participação de grandes escritores nos jornais e revistas francesas “ajudava a integrar o nascente mundo letrado brasileiro no circuito de obras, ideias, temas e formas literárias europeias” (VASCONCELOS 2012: 111). Esses impressos funcionaram como uma caixa de ressonância, permitindo o intercâmbio de ideias e gêneros literários entre os escritores europeus e brasileiros. Através deles, Hoffmann foi-nos apresentado de forma multifacetada: escritor de contos fantásticos, músico e homem de teatro, mas também frequentemente como um artista mais francês que alemão, devido às traduções.

Assim, Hoffmann atravessou o atlântico nas *revues* francesas e o sucesso delas no Brasil serviu de inspiração aos nossos escritores para suas próprias criações, cujo propósito era atingir objetivos diferentes do texto de origem, através de imitações e adaptações ao ambiente local, em razão daquilo que é transferido ser fixado “em termos nacionais no seu contexto original nacional” (ESPAGNE 2012: 24).

Especialmente em Machado de Assis, as traduções francesas de Hoffmann proporcionaram-lhe tanto o conhecimento do autor alemão quanto das mais recentes tendências artísticas europeias, sobretudo a voga do fantástico na Europa. Nosso escritor soube bem adaptar o fantástico de Hoffmann às condições de acolhida dos leitores brasileiros, principalmente das leitoras do *Jornal das Famílias*, onde ficam mais evidentes as publicações de contos de inspiração hoffmanniana⁶. E, apesar de Machado de Assis ter criado verdadeiros paradigmas literários na imprensa brasileira, ele as fez a partir da importação “dos modelos literários europeus, principalmente franceses” (GRANJA 2012: 120).

⁶ Entre os anos de 1869 e 1875, a recepção de Hoffmann em Machado de Assis torna-se mais perceptível em quatro contos do escritor carioca: “O capitão Mendonça”, “O anjo Rafael”, “Os óculos de Pedro Antão” e “Um esqueleto”, já que apresentam narradores que fazem alusão ao escritor alemão e definem a narrativa como fantástica (Assis 2008).

2º Capítulo

Machado de Assis esteve em contato com diversos idiomas europeus em virtude de suas experiências de leitor e tradutor, mas foi principalmente o francês que lhe proporcionou entrar em contato com as literaturas europeias e em sua biblioteca pessoal foram encontrados 383 volumes em língua francesa (VIANNA 2008: 125).

Quando tinha 22 anos, o escritor fluminense despertou a admiração de Adolphe Hubert, redator chefe do *Courier du Brésil*, que lhe deu a missão de traduzir “para o francês um longo excerto de *Desencantos*” (MASSA 2009: 243). Tal fato é espantoso porque evidencia “Machado de Assis celebrado e traduzido num artigo na primeira página do mais célebre periódico semanal francês” (*Ibid* 2009: 244).

Machado traduziu 46 obras entre 1857 e 1894: peças de teatro, romances, conto e poemas. Em 1869, o escritor declarou não conhecer o idioma alemão e que se utilizava do francês para tradução. Mas, por volta de 1888, Machado já havia feito em honroso nível traduções diretas das obras de Schiller e Heine (MASSA 2008, p. 18). Mas, apesar dessas traduções, e de sua biblioteca contar com 27 volumes em língua germânica (VIANNA 2008: 125), nenhuma obra de Hoffmann foi encontrada, daí a necessidade de considerarmos o papel que Paris⁷ e as revistas francesas desempenharam na revelação e divulgação das obras do escritor alemão: primeiro porque Baptiste Louis Garnier (1823-1893) foi editor de Machado de Assis, depois porque o autor brasileiro foi um assíduo leitor da *Revue des Deux Mondes*⁸ nas décadas de 1850 e 1870, coincidindo com a época de maior expansão e notoriedade da revista no Brasil, segundo Camargo (2007: 164-166). Logo, o caminho onde se deu o contato do escritor carioca com a obra do escritor alemão passa pelo ambiente da Livraria de Garnier e/ou pelo contato com as revistas francesas que desembarcavam no Brasil.

⁷ A importância de Paris deve-se ao fato de ela ser considerada, no plano editorial, uma cidade poliglota onde se encontravam publicações em todos os idiomas, inclusive os mais incomuns. (Cooper-Richet, 2012, p. 41).

⁸ A *Revue des deux mondes* aparece na obra do escritor em *Quincas Borba* (1891): “... foi abrir as folhas do último número da Revista dos Dous Mundos” (ASSIS 2008: 277); na crônica “História de quinze dias”, de 1877: “Sabes que há aí perto [...] uma biblioteca municipal, a qual possui uma coleção da *Revue des deux mondes*,” In: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000203.pdf>>. Acessado em: 15 de dezembro de 2012; e na crônica “Notas semanais”, de 1878: “O leitor tem aí, sobre a mesa, a *Revue des Deux Mondes*”. In: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000216.pdf>> Acessado em: 15 de dezembro de 2012.

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

A leitura dos periódicos franceses fazia parte dos hábitos intelectuais brasileiros, já que eram periódicos de grande repercussão, divulgadoras transatlânticas da cultura francesa no Brasil e da cultura brasileira na Europa, o que nos leva a observar o Atlântico como via de mão-dupla⁹ por onde circulava a produção editorial oitocentista não seguindo assim “um fluxo unilateral, da Inglaterra e França para Portugal e, de lá, para o Brasil. Pelo contrário, os impressos, as pessoas e as ideias circulavam entre estes diferentes lugares” (ABREU 2011: 11).

Mas, adquirir um desses periódicos significava arcar com um custo elevado: a assinatura da *Revue des Deux Mondes*¹⁰, por exemplo, era de 21\$, em 1851. Um preço alto se considerarmos que o salário de um funcionário público qualificado naquela época dificilmente ultrapassava 100\$ mensais (Machado 2001: 73). Por isso, “os interessados em ler o periódico [...] podiam consultá-la em uma biblioteca ou gabinete de leitura, como foi o caso de Machado de Assis” (CAMARGO 2012: 73). Esses espaços de leitura muito serviram aos habituais leitores financeiramente desprovidos, em um período de poucas bibliotecas públicas e de bibliotecas particulares guardadas com desvelo, já que o livro no século XIX era inventariado como propriedade. Durante a adolescência, Machado de Assis esteve entre os “desvalidos” para quem o Gabinete Português de Leitura era a oportunidade de contato com um bem que ele não podia custear; e “assíduo dos escritores da língua portuguesa [...], faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura” (ALENCAR 1910: 137).

Tendo noviciado o escritor carioca em vários autores europeus, a importância desse espaço de cultura no Rio de Janeiro é tão grande para a obra de Machado de Assis, que o ressaltamos como um dos principais ambientes de acesso à obra de

⁹ Os artigos *Tableau des dernières révolutions du Brésil*, de Saint-Hilaire, e *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, de Ferdinand Denis, ambos publicados pela *Revue de Paris*, em 1831, são provas de que o fluxo de mercadorias editoriais e de ideias nunca foi unilateral. Além disso, Saint-Hilaire e Ferdinand Denis foram dois dos principais divulgadores da história sócio-econômica e cultural do Brasil, através da *Revue des Deux Mondes* (Camargo 2007: 64-71).

¹⁰ A *Revue des Deux Mondes* podia ser encontrada “no Gabinete Português de Leitura e no Gabinete Literário, ambos em Pernambuco, na Biblioteca Pública da Bahia, na Biblioteca Fluminense e no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro” (Camargo 2012: 75). Nele, também se encontravam algumas obras de Hoffmann: *Contes posthumes d'Hoffmann* (1856), tradução de Champ Fleury; *Contes fantastiques de Ernst T. A. Hoffmann* (1844); *Nevroses: Hoffmann, Quincey, Edgar Allan Poe, G. de Nerval* (1898), obra publicada em Paris pela *Librairie de L. Hachette* e que pertenceu a biblioteca de João do Rio.

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

Hoffmann, já que no acervo do Gabinete constava à época não apenas exemplares das *revues* francesas, mas também livros do escritor alemão.

Pelo exposto, ressaltamos a importância das traduções francesas que divulgaram Hoffmann na França e no Brasil como uma incidência das diversas traduções, de comentários de tradutores, de estudos críticos, de notícias bibliográficas e de anúncios sobre o autor alemão em periódicos. Sabemos agora que sua fortuna está diretamente ligada ao nome de escritores, críticos e, sobretudo, tradutores, que contribuíram na imprensa, entre 1827 até a década de 1840, quando a popularidade e as discussões em torno do contista alemão estiveram mais inflamadas, especialmente na *Revue des Deux Mondes* e na *Revue de Paris*, já que elas estiveram entre os periódicos mais lidos no círculo dos escritores e intelectuais brasileiros do século XIX, inspirando assim Machado de Assis à produção de contos fantástico *à la Hoffmann*.

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. In: *Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Nº 1. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011: 115-126.
- ALENCAR, Mário de. Notas de leitura de Machado de Assis. In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Vol. 1. Rio de Janeiro: 1910.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra Completa*. Vols. 1, 2, 3, e 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2008.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. Diálogos franco-brasileiros: literatura e sociedade. In: DOS SANTOS, Derivaldo; et al. *Trama de um cego labirinto: ensaios de literatura e sociedade*. João Pessoa: Ideia, 2010: 23-32.
- _____. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: EdUFRN: 2007.
- _____. Um Brasil europeu. In: DEPLAGNE, Luciana Calado; DANTAS, Marta Pragana; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. *Tradução e transferências culturais*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012: 21-34.
- _____. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista. In: *Revista Porto*. Nº 2. Natal: EdUFRN: 2012: 70-92.
- COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? In: *Varia Historia*. Nº 42. V. 25. Belo Horizonte: 2009: 539-555.
- _____. Para um estudo transnacional dos impressos em línguas estrangeiras. In: *Livro – Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Nº 2. Trad. Valéria Guimarães. São Paulo: Ateliê Editorial: 2012: 35-46.

Fernandes, M. T. – A recepção de Hoffmann em Machado de Assis

- ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e a história do livro. In: *Livro-Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Trad. Valéria Guimarães. Nº 2. São Paulo: Ateliê Editorial: 2012: 21-34.
- FERNANDES, Marcos Túlio & XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. O fantástico de E. T. A. Hoffmann no conto machadiano. In: DEPLAGNE, Luciana Calado; DANTAS, Marta Pragana; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. *Tradução e transferências culturais*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012: 35-56.
- GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: GUIMARÃES, Valéria. *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: EdUSP: 2012: 115-133.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.
- MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MASSA, J.-M. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida: 2008.
- MAZZARI, Marcus. Hoffmann e as primícias da arte de enxergar. In: HOFFMANN, E. T. A. *A janela de esquina do meu primo*. Trad. Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Cosac Naify, 2010: 61-74.
- MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello & AZEVEDO, Sílvia Maria. Revista popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. In: *Revista TriceVersa*. Assis: Vol. 25, nº 2: 2009-2010.
- TEICHMANN, E. *La fortune d'Hoffmann en France*. Genève: Librairie E. Droz; Paris: Librairie Minard, 1961.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Uma revista entre três mundos. In: GUIMARÃES, Valéria (org).. *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: EDUSP: 2012: 101-113.
- VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. *LA biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora: 2008: 101-143.